

# *Obras Póstumas*



# Obras Pós

*É preciso propagar a  
Moral e a Verdade.*

MUMS

ALLAN KARDEC

# *Póstumas*



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA  
Departamento Editorial e Gráfico  
Rua Souza Valente, 17  
20941-040 – Rio de Janeiro-RJ – Brasil



ALLAN KARDEC  
3 DE OUTUBRO DE 1804 • 31 DE MARÇO DE 1869

## *Sumário*

<i>Nota da editora</i> .....	11
<i>Biografia de Allan Kardec</i> .....	13
<i>Discurso pronunciado junto ao túmulo de Allan Kardec por Camille Flammarion</i> .....	25

### PRIMEIRA PARTE

#### Profissão de fé espírita raciocinada

I. Deus .....	39
II. A Alma .....	41
III. Criação .....	44

#### Manifestações dos Espíritos

##### *Caráter e conseqüências religiosas das*

<i>manifestações dos Espíritos</i> .....	51
--	----

I. O perispírito como princípio das manifestações .....	56
II. Manifestações visuais .....	58
III. Transfiguração. Invisibilidade .....	62
IV. Emancipação da alma .....	64
V. Aparição de pessoas vivas. Bicorporeidade .....	70
VI. Dos médiuns .....	71
VII. Da obsessão e da possessão .....	84

Dos homens duplos e das aparições de pessoas vivas.....	93
Controvérsias sobre a idéia da existência de seres intermediários entre o homem e Deus .....	105
Causa e natureza da clarividência sonambúlica <i>Explicação do fenômeno da lucidez</i> .....	115
A segunda vista <i>Conhecimento do futuro. Previsões</i> .....	121
Introdução ao estudo da fotografia e da telegrafia do pensamento .....	131
Fotografia e telegrafia do pensamento .....	139
Estudo sobre a natureza do Cristo .....	147
I. Fontes das provas sobre a natureza do Cristo ...	147
II. Os milagres provam a divindade do Cristo? .....	150
III. As palavras de Jesus provam a sua divindade? ..	154
IV. Palavras de Jesus depois de sua morte .....	167
V. Dupla natureza de Jesus .....	169
VI. Opinião dos Apóstolos .....	171
VII. Predição dos profetas, com relação a Jesus .....	177
VIII. O Verbo se fez carne .....	179
IX. O Filho de Deus e o Filho do homem .....	182
Influência perniciosa das idéias materialistas <i>Sobre as artes em geral; a regeneração delas por meio do Espiritismo</i> .....	189
Teoria da beleza .....	197
A música celeste .....	211
Música espírita .....	217
O caminho da vida .....	229
As cinco alternativas da Humanidade .....	237
I. Doutrina materialista .....	238
II. Doutrina panteísta .....	241

III. Doutrina deísta .....	241
IV. Doutrina dogmática .....	243
V. Doutrina espírita .....	244
A morte espiritual .....	247
A vida futura .....	255
Questões e problemas	
<i>As expiações coletivas</i> .....	265
O egoísmo e o orgulho	
<i>Suas causas, seus efeitos e os meios de destruí-los</i> .....	277
Liberdade, igualdade, fraternidade .....	287
As aristocracias .....	293
Os desertores .....	301
Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo .....	313

## SEGUNDA PARTE

Extratos, <i>in extenso</i> , do livro das Previsões concernentes ao Espiritismo .....	321
A minha primeira iniciação no Espiritismo .....	323
Meu Espírito protetor, 11 de dezembro de 1855 .....	331
Meu Guia espiritual, 25 de março de 1856 .....	333
Primeira revelação da minha missão, 30 de abril de 1856 ..	337
Minha missão, 7 de maio de 1856 .....	338
Acontecimentos, 7 de maio de 1856 .....	339
Acontecimentos, 12 de maio de 1856 .....	340
<i>O Livro dos Espíritos</i> , 10 de junho de 1856 .....	341
Minha missão, 12 de junho de 1856 .....	342
<i>O Livro dos Espíritos</i> , 17 de junho de 1856 .....	346
<i>O Livro dos Espíritos</i> , 11 de setembro de 1856 .....	348

A tiara espiritual, 6 de maio de 1857 .....	349
Primeira notícia de uma nova encarnação, 17 de janeiro de 1857 .....	354
A <i>Revista Espírita</i> , 15 de novembro de 1857 .....	356
Fundação da Sociedade Espírita de Paris, 1º de abril de 1858 .....	357
Duração dos meus trabalhos, 24 de janeiro de 1860 .....	359
Acontecimentos. Papado, 28 de janeiro de 1860 .....	360
Minha missão, 12 de abril de 1860 .....	361
Futuro do Espiritismo, 15 de abril de 1860 .....	362
Minha volta, 10 de junho de 1860 .....	363
Auto-de-fê em Barcelona. Apreensão dos livros, 21 de setembro de 1861 .....	364
Auto-de-fê em Barcelona, 9 de outubro de 1861 .....	366
Meu sucessor, 22 de dezembro de 1861 .....	369
Imitação do Evangelho, Ségur, 9 de agosto de 1863 .....	371
A Igreja, Paris, 30 de setembro de 1863 .....	375
<i>Vida de Jesus</i> por Renan, Paris, 14 de outubro de 1863 ....	377
Precursos da tempestade, Paris, 30 de janeiro de 1866 ...	378
A nova geração, Lião, 30 de janeiro de 1866 .....	380
Instrução relativa à saúde do Sr. Allan Kardec, Paris, 23 de abril de 1866 .....	384
Regeneração da Humanidade, Paris, 25 de abril de 1866	388
Marcha gradativa do Espiritismo. Dissidências e obstáculos, Paris, 27 de abril de 1866 .....	396
Publicações espíritas, 16 de agosto de 1867 .....	398
Acontecimentos, 16 de agosto de 1867 .....	399



Minha nova obra sobre a Gênese, Ségur, 9 de setembro de 1867 .....	401
A Gênese, 22 de fevereiro de 1868 .....	402
Acontecimentos, Paris, 23 de fevereiro de 1868 .....	403
Meus trabalhos pessoais. Conselhos diversos, Paris, 4 de julho de 1868 .....	404
Fora da caridade não há salvação .....	407
Projeto — 1868 .....	409
Estabelecimento central .....	411
Ensino espírita .....	412
Publicidade .....	413
Viagens .....	413
Constituição do Espiritismo	
<i>Exposição de motivos</i> .....	415
I. Considerações preliminares .....	415
II. Dos cismas .....	418
III. O chefe do Espiritismo .....	422
IV. Comissão central .....	427
V. Instituições acessórias e complementares da comissão central .....	434
VI. Amplitude de ação da comissão central .....	436
VII. Os estatutos constitutivos .....	438
VIII. Do programa das crenças .....	442
IX. Vias e meios .....	448
X. Allan Kardec e a nova constituição .....	451
Credo espírita	
<i>Preâmbulo</i> .....	461
<i>Princípios fundamentais da Doutrina Espírita, reconhecidos     como verdades inconcussas</i> .....	468
Apêndice .....	471





## *Nota da editora*

A tradução desta obra, devemos-la ao saudoso presidente da Federação Espírita Brasileira – Dr. Guillon Ribeiro, engenheiro civil, poliglota e vernaculista.

Ruy Barbosa, em seu discurso pronunciado na sessão de 14 de outubro de 1903 (Anais do Senado Federal, vol. II, pág. 717), em se referindo ao seu trabalho de revisão do Projeto do Código Civil, trabalho monumental que resultou na *Réplica*, e que lhe imortalizou o nome como filólogo e purista da língua, disse:

*“Devo, entretanto, Sr. Presidente, desempenhar-me de um dever de consciência – registrar e agradecer da tribuna do Senado a colaboração preciosa do Sr. Doutor Guillon Ribeiro, que me acompanhou nesse trabalho com a maior inteligência, não limitando os seus serviços à parte material do comum dos revisores, mas, muitas vezes, suprindo até a desatenções e negligências minhas.”*

Como vemos, Guillon Ribeiro recebeu, aos vinte e oito anos de idade, o maior prêmio, o maior elogio a que poderia aspirar um escritor, e a Federação Espírita Brasileira, vinte anos depois, consagrou-lhe o nome, aprovando unanimemente as suas impecáveis traduções de Kardec.

Jornalista emérito, Guillon Ribeiro foi redator do *Jornal do Commercio* e colaborador dos maiores jornais da época. Exerceu, durante anos, o cargo de Diretor-Geral da Secretaria do Senado e foi diretor da Federação Espírita Brasileira, no decurso de 26 anos consecutivos, tendo traduzido, ainda, *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Livro dos Médiuns*, *A Gênese* e *Obras Póstumas*, todos de Kardec.

## *Biografia de Allan Kardec*

É ainda sob o guante da dor profunda que nos causou a prematura partida do fundador da Doutrina Espírita, que nos abalancamos a uma tarefa, simples e fácil para suas mãos sábias e experientes, mas cujo peso e gravidade nos esmagariam, se não contássemos com o auxílio eficaz dos bons Espíritos e com a indulgência dos nossos leitores.

Quem, dentre nós, poderia, sem ser tachado de presunçoso, lisonjear-se de possuir o espírito de método e organização de que se mostram iluminados todos os trabalhos do mestre? Só a sua pujante inteligência podia concentrar tantos materiais diversos, triturá-los e transformá-los, para os espalhar em seguida, como orvalho benfazejo, sobre as almas desejosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, sabia agradar e fazer compreendido numa linguagem simples e elevada ao mesmo tempo, tão distanciada do estilo familiar, quanto das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se incessantemente, pudera até agora bastar a tudo. Entretanto, o cotidiano alargamento de suas relações e o contínuo desenvolvimento do Espiritismo lhe

faziam sentir a necessidade de reunir em torno de si alguns auxiliares inteligentes e preparava simultaneamente a nova organização da Doutrina e de seus labores, quando nos deixou, para ir, num mundo melhor, receber a sanção da missão que desempenhara e coletar elementos para uma nova obra de devotamento e sacrifício.

Era sozinho!... Chamar-nos-emos **legião** e, por muito fracos e inexperientes que sejamos, nutrimos a convicção íntima de que nos conservaremos à altura da situação, se, partindo dos princípios estabelecidos e de incontestável evidência, nos consagrarmos a executar, tanto quanto nos seja possível e de acordo com as necessidades do momento, os projetos que ele pretendia realizar no futuro.

Enquanto nos mantivermos nas suas pegadas e todos os de boa vontade se unirem, num esforço comum pelo progresso e pela regeneração intelectual e moral da Humanidade, conosco estará o Espírito do grande filósofo e nos secundará com a sua influência poderosa. Dado lhe seja suprir à nossa insuficiência e nos possamos mostrar dignos do seu concurso, dedicando-nos à obra com a mesma abnegação e a mesma sinceridade que ele, embora sem tanta ciência e inteligência.

Em sua bandeira, inscrevera o mestre estas palavras: **Trabalho, solidariedade, tolerância**. Sejamos, como ele, infatigáveis; sejamos, acordemente com os seus anseios, tolerantes e solidários e não tenhamos seguir-lhe o exemplo, re-considerando, quantas vezes forem precisas, os princípios ainda controvertidos. Tentemos avançar, antes com segurança e certeza, do que com rapidez, e não ficarão infrutíferos os nossos esforços, se, como estamos persuadidos,

e seremos os primeiros a dar disso exemplo, cada um cuidar de cumprir o seu dever, pondo de lado todas as questões pessoais, a fim de contribuir para o bem geral.

Sob auspícios mais favoráveis não poderíamos entrar na nova fase que se abre para o Espiritismo, do que dando a conhecer aos nossos leitores, num rápido esboço, o que foi, durante toda a sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio inteligente e fecundo, cuja memória se transmitirá aos séculos vindouros com a auréola dos benfeitores da Humanidade.

Nascido em Lião, a 3 de outubro de 1804, de uma família antiga que se distinguiu na magistratura e na advocacia, Allan Kardec (**Hippolyte Léon Denizard Rivail**) não seguiu essas carreiras. Desde a primeira juventude, sentiu-se inclinado ao estudo das ciências e da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdon (Suíça), tornou-se um dos mais eminentes discípulos desse célebre professor e um dos zelosos propagandistas do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha.

Dotado de notável inteligência e atraído para o ensino, pelo seu caráter e pelas suas aptidões especiais, já aos catorze anos ensinava o que sabia àqueles dos seus condiscípulos que haviam aprendido menos do que ele. Foi nessa escola que lhe desabrocharam as idéias que mais tarde o colocariam na classe dos homens progressistas e dos livre-pensadores.

Nascido sob a religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que por isso teve de

suportar, no tocante a essa circunstância, cedo o levaram a conceber a idéia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos com o intuito de alcançar a unificação das crenças. Faltava-lhe, porém, o elemento indispensável à solução desse grande problema.

O Espiritismo veio, a seu tempo, imprimir-lhe especial direção aos trabalhos.

Concluídos seus estudos, voltou para a França. Conhecendo a fundo a língua alemã, traduzia para a Alemanha diferentes obras de educação e de moral e, o que é muito característico, as obras de Fénelon, que o tinham seduzido de modo particular.

Era membro de várias sociedades sábias, entre outras, da Academia Real de Arras, que, em o concurso de 1831, lhe premiou uma notável memória sobre a seguinte questão: **Qual o sistema de estudos mais de harmonia com as necessidades da época?**

De 1835 a 1840, fundou, em sua casa, à rua de Sèvres, cursos gratuitos de Química, Física, Anatomia comparada, Astronomia, etc., empresa digna de encômios em todos os tempos, mas, sobretudo, numa época em que só um número muito reduzido de inteligências ousava enveredar por esse caminho.

Preocupado sempre com o tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso de ensinar a contar e um quadro mnemônico da História de França, tendo por objetivo fixar na memória as datas dos acontecimentos de maior relevo e as descobertas que iluminaram cada reinado.



Entre as suas numerosas obras de educação, citaremos as seguintes: *Plano proposto para melhoramento da Instrução pública* (1828); *Curso prático e teórico de Aritmética*, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família (1824); *Gramática francesa clássica* (1831); *Manual dos exames para os títulos de capacidade; Soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e de Geometria* (1846); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia*, que ele professava no Liceu Polimático; *Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona*, seguidos de *Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas* (1849), obra muito apreciada na época do seu aparecimento e da qual ainda recentemente eram tiradas novas edições.

Antes que o Espiritismo lhe popularizasse o pseudônimo de Allan Kardec, já ele se ilustrara, como se vê, por meio de trabalhos de natureza muito diferente, porém tendo todos, como objetivo, esclarecer as massas e prendê-las melhor às respectivas famílias e países.

“Pelo ano de 1855<sup>1</sup>, posta em foco a questão das manifestações dos Espíritos, Allan Kardec se entregou a observações perseverantes sobre esse fenômeno, cogitando principalmente de lhe deduzir as conseqüências filosóficas. Entreviu, desde logo, o princípio de novas leis naturais: as que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Reconheceu, na ação deste último, uma das forças da Natureza, cujo conhecimento, haveria de lançar luz

---

<sup>1</sup> Ver pp. 265/6. *Nota da Editora (FEB)* à 14ª edição em 1975.

sobre uma imensidade de problemas tidos por insolúveis, e lhe compreendeu o alcance, do ponto de vista religioso.

“Suas obras principais sobre esta matéria são: *O Livro dos Espíritos*, referente à parte filosófica, e cuja primeira edição apareceu a 18 de abril de 1857; *O Livro dos Médiuns*, relativo à parte experimental e científica (janeiro de 1861); *O Evangelho segundo o Espiritismo*, concernente à parte moral (abril de 1864); *O Céu e o Inferno*, ou *A justiça de Deus segundo o Espiritismo* (agosto de 1865); *A Gênese, os Milagres e as Predições* (janeiro de 1868); a *Revista Espírita*, jornal de estudos psicológicos, periódico mensal começado a 1º de janeiro de 1858. Fundou em Paris, a 1º de abril de 1858, a primeira Sociedade espírita regularmente constituída, sob a denominação de **Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas**, cujo fim exclusivo era o estudo de quanto possa contribuir para o progresso da nova ciência. Allan Kardec se defendeu, com inteiro fundamento, de coisa alguma haver escrito debaixo da influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas. Homem de caráter frio e calmo, observou os fatos e de suas observações deduziu as leis que os regem. Foi o primeiro a apresentar a teoria relativa a tais fatos e a formar com eles um corpo de doutrina, metódico e regular.

“Demonstrando que os fatos erroneamente qualificados de sobrenaturais se acham submetidos a leis, ele os incluiu na ordem dos fenômenos da Natureza, destruindo assim o último refúgio do maravilhoso e um dos elementos da superstição.

“Durante os primeiros anos em que se tratou de fenômenos espíritas, estes constituíram antes objeto de curiosida-

de, do que de meditações sérias. *O Livro dos Espíritos* fez que o assunto fosse considerado sob aspecto muito diverso. Abandonaram-se as mesas girantes, que tinham sido apenas um prelúdio, e começou-se a atentar na doutrina, que abrange todas as questões de interesse para a Humanidade.

“Data do aparecimento de *O Livro dos Espíritos* a fundação do Espiritismo que, até então, só contara com elementos esparsos, sem coordenação, e cujo alcance nem toda gente pudera apreender. A partir daquele momento, a doutrina prendeu a atenção de homens sérios e tomou rápido desenvolvimento. Em poucos anos, aquelas idéias conquistaram numerosos aderentes em todas as camadas sociais e em todos os países. Esse êxito sem precedentes decorreu sem dúvida da simpatia que tais idéias despertaram, mas também é devido, em grande parte, à clareza com que foram expostas e que é um dos característicos dos escritos de Allan Kardec.

“Evitando as fórmulas abstratas da Metafísica, ele soube fazer que todos o lessem sem fadiga, condição essencial à vulgarização de uma idéia. Sobre todos os pontos controversos, sua argumentação, de cerrada lógica, poucas ensanchas oferece à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que o Espiritismo apresenta da existência da alma e da vida futura tendem a destruir as idéias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos dessa doutrina e que deriva do precedente é o da **pluralidade das existências**, já entrevisto por uma multidão de filósofos antigos e modernos e, nestes últimos tempos, por João Reynaud, Carlos Fourier, Eugênio Sue e outros. Conserva-

ra-se, todavia, em estado de hipótese e de sistema, enquanto o Espiritismo lhe demonstra a realidade e prova que nesse princípio reside um dos atributos essenciais da Humanidade. Dele promana a explicação de todas as aparentes anomalias da vida humana, de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais, facultando ao homem saber donde vem, para onde vai, para que fim se acha na Terra e por que aí sofre.

“As idéias inatas se explicam pelos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e da Humanidade, pela ação dos homens dos tempos idos e que revivem, depois de terem progredido; as simpatias e antipatias, pela natureza das relações anteriores. Essas relações, que religam a grande família humana de todas as épocas, dão por base, aos grandes princípios de fraternidade, de igualdade, de liberdade e de solidariedade universal, as próprias leis da Natureza e não mais uma simples teoria.

“Em vez do postulado: **Fora da Igreja não há salvação**, que alimenta a separação e a animosidade entre as diferentes seitas religiosas e que há feito correr tanto sangue, o Espiritismo tem como divisa: **Fora da Caridade não há salvação**, isto é, a igualdade entre os homens perante Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a benevolência mútua.

“Em vez da **fé cega**, que anula a liberdade de pensar, ele diz: **Não há fé inabalável, senão a que pode encarar face a face a razão, em todas as épocas da Humanidade. À fé, uma base se faz necessária e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se tem de crer. Para crer,**

**não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega já não é para este século. É precisamente ao dogma da fé cega que se deve o ser hoje tão grande o número de incrédulos, porque ela quer impor-se e exige a abolição de uma das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio.”** (*O Evangelho segundo o Espiritismo.*)

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a tomar da obra e o último a deixá-la, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, quando se preparava para uma mudança de local, imposta pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações. Diversas obras que ele estava quase a terminar, ou que aguardavam oportunidade para vir a lume, demonstrarão um dia, ainda mais, a extensão e o poder das suas concepções.

Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde longos anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio do repouso intelectual e pequena atividade material. Consagrado, porém, todo inteiro à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um só que fosse de seus instantes, à custa das suas ocupações prediletas. Deu-se com ele o que se dá com todas as almas de forte têmpera: a lâmina gastou a bainha.

O corpo se lhe entorpeceria e se recusava aos serviços que o Espírito lhe reclamava, enquanto este último, cada vez mais vivo, mais enérgico, mais fecundo, ia sempre alargando o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual não podia a matéria resistir eternamente. Acabou sendo vencida: rompeu-se o aneurisma e

Allan Kardec caiu fulminado. Um homem houve de menos na Terra; mas, um grande nome tomava lugar entre os que ilustraram este século; um grande Espírito fora retemperar-se no Infinito, onde todos os que ele consolara e esclarecera lhe aguardavam impacientes a volta!

“A morte, dizia, faz pouco tempo, redobra os seus golpes nas fileiras ilustres!... A quem virá ela agora libertar?”

Ele foi, como tantos outros, recobrar-se no Espaço, procurar elementos novos para restaurar o seu organismo gasto por uma vida de incessantes labores. Partiu com os que serão os fanais da nova geração, para voltar em breve com eles a continuar e acabar a obra deixada em delicadas mãos.

O homem já aqui não está; a alma, porém, permanecerá entre nós. Será um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador incansável que as falanges do Espaço conquistaram. Como na Terra, sem ferir a quem quer que seja, ele fará que cada um lhe ouça os conselhos oportunos; abrandará o zelo prematuro dos ardorosos, amparará os sinceros e os desinteressados e estimulará os mornos. Vê agora e sabe tudo o que ainda há pouco previa! Já não está sujeito às incertezas, nem aos desfalecimentos e nos fará partilhar da sua convicção, fazendo-nos tocar com o dedo a meta, apontando-nos o caminho, naquela linguagem clara, precisa, que o tornou aureolado nos anais literários.

Já não existe o homem, repetimo-lo. Entretanto, Allan Kardec é imortal e a sua memória, seus trabalhos, seu Espírito estarão sempre com os que empunharem forte e vigorosamente o estandarte que ele soube sempre fazer respeitado.

Uma individualidade pujante constituiu a obra. Era o guia e o fanal de todos. Na Terra, a obra substituirá o obreiro. Os crentes não se congregarão em torno de Allan Kardec; congregar-se-ão em torno do Espiritismo, tal como ele o estruturou e, com os seus conselhos, sua influência, avançaremos, a passos firmes, para as fases ditosas prometidas à Humanidade regenerada.

*(Revista Espírita, maio de 1869.)*





*Discurso pronunciado junto  
ao túmulo de Allan Kardec*

Por

*Camille Flammarion*

Senhores:

Aceitando com deferência o convite simpático dos amigos do pensador laborioso cujo corpo terreno jaz agora aos nossos pés, vem-me à mente um dia sombrio do mês de dezembro de 1865, em que pronunciei palavras de supremo adeus junto à tumba do fundador da Livraria Acadêmica, do honrado Didier, que, como editor, foi colaborador convicto de Allan Kardec, na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara. Também ele morreu subitamente, como se o céu houvesse querido poupar a esses dois Espíritos íntegros o embaraço fisiológico de sair desta vida por via diferente da comumente seguida. A mesma reflexão se aplica à morte do nosso ex-colega Jobard, de Bruxelas.

Hoje, maior ainda é a minha tarefa, porquanto eu desejara figurar à mente dos que me ouvem e à das milhões

de criaturas que na Europa inteira e no Novo Mundo se têm ocupado com o problema ainda misterioso dos fenômenos chamados espíritas; — eu quisera, digo, poder figurar-lhes o interesse científico e o porvir filosófico do estudo desses fenômenos, ao qual se hão consagrado, como ninguém ignora, homens eminentes dentre os nossos contemporâneos. Estimaria fazer-lhes entrever os horizontes desconhecidos que a mente humana verá rasgar-se diante de si, à medida que ela ampliar o conhecimento positivo das forças naturais que em torno de nós atuam; mostrar-lhes que essas comprovações constituem o mais eficaz antídoto para a lepra do ateísmo, de que parece atacada, principalmente, a nossa época de transição; dar, enfim, aqui, testemunho público do eminente serviço que o autor de *O Livro dos Espíritos* prestou à filosofia, **chamando a atenção e provocando discussões** sobre fatos que até então pertenciam ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas.

Seria, com efeito, um ato importante firmar aqui, junto deste túmulo eloqüente, que o metódico exame dos fenômenos erroneamente qualificados de supranormais, longe de renovar o espírito de superstição e de enfraquecer a energia da razão, ao contrário, afasta os erros e as ilusões da ignorância e **serve melhor ao progresso**, do que as negações ilegítimas dos que não querem dar-se ao trabalho de ver.

Mas, este não é lugar apropriado a estabelecer uma arena às discussões desrespeitosas. Deixemos apenas que das nossas mentes desçam, sobre a face impassível do homem ora estendido diante de nós, testemunhos de afeição e sentimentos de pesar, que lhe permaneçam ao redor

em seu túmulo, qual embalsamamento do coração! E, pois que sabemos que sua alma eterna sobrevive a estes despojos mortais, do mesmo modo que a eles preexistiu; pois que sabemos que laços indestrutíveis unem o nosso mundo visível ao mundo invisível; pois que esta alma existe hoje tão bem como há três dias e que não é impossível se ache atualmente na minha presença; digamos-lhe que não quisemos se desvanecesse a sua imagem terrena encerrada no sepulcro, sem unanimemente rendermos homenagem a seus trabalhos e à sua memória, sem pagar um tributo de reconhecimento à sua encarnação terrena, tão útil e tão dignamente preenchida.

Traçarei, primeiro, num esboço rápido, as linhas principais da sua carreira literária.

Morto na idade de 65 anos, Allan Kardec consagrara a primeira parte de sua vida a escrever obras clássicas, elementares, destinadas, sobretudo, ao uso dos educadores da mocidade. Quando, pelo ano de 1855<sup>1</sup>, as manifestações, novas na aparência, das mesas girantes, das pancadas sem causa ostensiva, dos movimentos insólitos de objetos e móveis começaram a prender a atenção pública, determinando mesmo, nos de imaginação aventureira, uma espécie de febre, devida à novidade de tais experiências, Allan Kardec, estudando ao mesmo tempo o magnetismo e seus singulares efeitos, acompanhou com a maior paciência e clarividência judiciosa as experimentações e as tentativas numerosas que então se faziam em Paris.

Recolheu e pôs em ordem os resultados conseguidos dessa longa observação e com eles compôs o corpo de dou-

---

<sup>1</sup> Ver pp. 265/6. *Nota da Editora (FEB)* à 14ª edição, em 1975.

trina que publicou em 1857, na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Todos sabeis que êxito alcançou essa obra, na França e no estrangeiro. Havendo atingido a 16ª edição, tem espalhado em todas as classes esse corpo de doutrina elementar que, na sua essência, não é absolutamente novo, porquanto a escola de Pitágoras, na Grécia, e a dos druidas, em a nossa pobre<sup>1</sup> Gália, ensinavam os seus princípios fundamentais, mas que agora reveste uma forma de verdadeira atualidade, pelo corresponder aos fenômenos.

Depois dessa primeira obra apareceram, sucessivamente, *O Livro dos Médiuns*, ou *Espiritismo experimental*; — *O que é o Espiritismo?* ou resumo sob a forma de perguntas e respostas; — *O Evangelho segundo o Espiritismo*; — *O Céu e o Inferno*; — *A Gênese*. A morte o surpreendeu no momento em que, com a sua infatigável atividade, trabalhava noutra sobre as relações entre o Magnetismo e o Espiritismo.

Pela *Revista Espírita* e pela Sociedade de Paris, cujo presidente ele era, se constituíra, de certo modo, o centro a que tudo ia ter, o traço de união de todos os experimentadores. Faz alguns meses, sentindo próximo o seu fim, preparou as condições de vitalidade de tais estudos para depois de sua morte e instituiu a Comissão Central que lhe sucede.

Suscitou rivalidades; fez escola de feição um pouco pessoal, havendo ainda alguns dissídios entre os “espiritualistas” e os “espíritas”. Doravante, Senhores (tal, pelo menos, o voto que formulam os amigos da verdade),

---

<sup>1</sup> Na *Revue Spirite*, maio-1869, p.139, está **própria** (propre). Nota da Editora (FEB) à 14ª edição, em 1975.

devemos unir-nos todos por uma solidariedade fraterna, pelos mesmos esforços em prol da elucidação do problema, pelo desejo geral e impessoal do verdadeiro e do bem.

Disseram, Senhores, do digno amigo a quem rendemos hoje as derradeiras homenagens, que ele não era o que se chama **um sábio**, que não fora, primeiro, físico, naturalista, ou astrônomo e que preferira constituir um corpo de doutrina moral, antes de haver submetido à discussão científica a realidade e a natureza dos fenômenos.

Talvez, Senhores, se deva preferir que as coisas tenham começado assim. Nem sempre se deve recusar valor ao sentimento. Quantos corações já foram consolados por esta crença religiosa! Quantas lágrimas hão secado! Quantas consciências se abriram às irradiações da beleza espiritual! Nem toda a gente é ditosa neste mundo. Muitas afeições aí são despedaçadas! Muitas almas têm adormecido no cepticismo! Então, nada é o haver trazido ao espiritualismo tantos seres que flutuavam na dúvida e que já não amavam a vida, nem a vida física, nem a intelectual?

Fora Allan Kardec um homem de ciência e de certo não houvera podido prestar este primeiro serviço e dilatá-lo até muito longe, como um convite a todos os corações. Ele, porém, era o que eu denominarei simplesmente “o bom-senso encarnado”. Razão reta e judiciosa, aplicava sem cessar à sua obra permanente as indicações íntimas do senso comum. Não era essa uma qualidade somenos, na ordem de coisas com que nos ocupamos. Era, ao contrário, pode-se afirmá-lo, a primeira de todas e a mais preciosa, sem a qual a obra não teria podido tornar-se popular, nem lançar pelo mundo suas raízes imensas. A maioria dos que se têm dado a estes estudos lembram-se de que na mocidade, ou

em certas circunstâncias, foram testemunhas de manifestações inexplicadas. Poucas são as famílias que não contem na sua história provas desta natureza. O ponto de partida era aplicar-lhes a razão firme do simples bom-senso e examiná-las segundo os princípios do método positivo.

Conforme o seu próprio organizador previu, esse estudo, que foi lento e difícil, tem que entrar agora num período científico. Os fenômenos físicos, sobre os quais a princípio não se insistia, hão de tornar-se objeto da crítica experimental, a que devemos a glória dos progressos modernos e as maravilhas da eletricidade e do vapor. Esse método tem de tomar os fenômenos de ordem misteriosa a que assistimos para os dissecar, medir e definir.

Porque, meus Senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual apenas conhecemos o **abecê**. Passou o tempo dos dogmas. A Natureza abrange o Universo, e o próprio Deus, feito outrora à imagem do homem, a moderna Metafísica não o pode considerar senão como **um espírito na Natureza**. O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas com o auxílio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, **são de ordem natural** e devem ser severamente submetidas à verificação da experiência. Não há milagres. Assistimos ao alvorecer de uma ciência desconhecida. Quem poderá prever a que consequências conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta nova psicologia?

Doravante, o mundo é regido pela ciência e, Senhores, não virá fora de propósito, neste discurso fúnebre, assinalar-lhe a obra atual e as induções novas que ela nos patenteia, precisamente do ponto de vista das nossas pesquisas.

Em nenhuma época da História a Ciência desdobrou, ante o olhar espantado do homem, tão grandiosos horizontes. Sabemos agora que a **Terra é um astro** e que a **nossa vida atual se completa no céu**. Pela análise da luz, conhecemos os elementos que ardem no Sol e nas estrelas, a milhões e trilhões de léguas do nosso observatório terrestre. Por meio do cálculo, possuímos a história do céu e da Terra, assim no passado longínquo, como no futuro, passado e futuro que não existem para as leis imutáveis. Pela observação, temos pesado as terras celestes que gravitam na amplidão. O globo em que nos encontramos tornou-se um átomo estelar que voa no espaço dentro das profundezas infinitas e a nossa própria existência neste globo se tornou uma fração infinitesimal da nossa eterna vida. Mas, o que, com razão, nos pode tocar ainda mais vivamente é esse surpreendente resultado dos trabalhos físicos realizados nestes últimos anos: que **vivemos em meio de um mundo invisível**, a atuar incessantemente em torno de nós.

Sim, Senhores, é esta, para nós, uma revelação imensa. Contemplai, por exemplo, a luz que a esta hora o Sol brilhante espalha na atmosfera; contemplai esse azul tão suave da abóbada celeste; notai os eflúvios deste ar tépido, que nos vem acariciar as faces; admirai estes monumentos e esta terra. Pois bem: conquanto tenhamos escancarados os olhos, não vemos o que aqui se passa! Sobre cem raios emanados do Sol, apenas um terço deles é acessível à nossa vista, quer diretamente, quer refletidos por todos os corpos; os dois terços restantes existem e atuam à volta de nós, mas de maneira invisível, embora real. São quentes, sem nos serem luminosos e são, no entanto, muito mais

ativos do que os que nos impressionam, porquanto são eles que atraem as flores para o lado do Sol, que produzem todas as ações químicas<sup>1</sup> e também que elevam, sob forma igualmente invisível, o vapor d'água na atmosfera para formar as nuvens, exercendo assim, sem cessar, em torno de nós, de maneira oculta e silenciosa, uma ação colossal, mecanicamente equiparável ao trabalho de muitos bilhões de cavalos!

Se nos são invisíveis os raios caloríficos e os raios químicos que constantemente atuam na Natureza, é porque os primeiros não nos ferem com bastante rapidez a retina e porque os segundos a ferem com rapidez excessiva. Os nossos olhos somente vêem as coisas entre dois limites, aquém e além dos quais nada enxergam. Pode comparar-se o nosso organismo terreno a uma harpa de duas cordas, que são o nervo óptico e o nervo auditivo. Certa espécie de movimentos põe em vibração a primeira e outra espécie de movimentos faz vibrar a segunda: nisto se resume **toda a sensação humana**, mais restrita neste ponto do que a de alguns seres vivos, de alguns insetos, por exemplo, que possuem mais delicadas essas mesmas cordas da visão e da audição.

Ora, em a Natureza, existem realmente, não dois, porém dez, cem, mil espécies de movimentos. A ciência física nos ensina, portanto, que vivemos, assim, dentro de um

---

<sup>1</sup> A nossa retina é insensível a esses raios; mas, há substâncias que os **vêem**, como, por exemplo, o iodo e os sais de prata. Fotografado o espectro solar químico, que o nosso olhar não percebe, nenhuma imagem visível jamais apresenta a chapa fotográfica ao sair da câmara escura, se bem **exista** nela uma, pois que certa operação química a faz aparecer.



mundo que nos é invisível, nada tendo de impossível que seres (também invisíveis para nós) vivam igualmente na Terra, com uma ordem de sensações absolutamente diversa da das nossas e sem que lhes possamos apreciar a presença, a menos que se nos manifestem por fatos que caibam na ordem das nossas sensações.

Diante de verdades tais, que apenas se entreabrem, quão absurda e sem valor se revela a negação *a priori*! Quando se compara o pouco que sabemos e a exigüidade da nossa esfera de percepção com a quantidade do que existe, não se pode deixar de concluir que nada sabemos, que tudo estamos por saber. Com que direito, então, proferiremos a palavra **impossível**, em presença de fatos que testemunháramos, sem, todavia, lhes podermos descobrir a causa única?

A Ciência nos faculta perspectivas tão autorizadas quanto as precedentes, sobre os fenômenos da vida e da morte e sobre a força que nos anima. Basta observemos a circulação das existências.

Tudo são meras metamorfoses. Arrastados em seu curso eterno, os átomos constitutivos da matéria passam incessantemente de um corpo a outro, do animal à planta, da planta à atmosfera, da atmosfera ao homem, e o nosso próprio corpo, enquanto nos dura a vida, muda continuamente de substância constitutiva, do mesmo modo que a chama, que só brilha por meio dos elementos que de contínuo se renovam. E, quando a alma desfere o vôo, esse mesmo corpo já tantas vezes transformado durante a vida, restitui definitivamente à Natureza todas as moléculas, para não mais as retomar. O dogma inadmissível da ressurreição da

carne se acha substituído pela elevada doutrina da transmigração das almas.

O Sol de abril irradia nos céus e nos inunda com o seu primeiro rocio calorífico. Já as campinas despertam, já os primeiros rebentos se entreabrem, já a primavera refloresce, o azul-celeste sorri e a ressurreição se opera. Entretanto, esta vida nova é formada pela morte e apenas ruínas cobre! Donde vem a seiva destas árvores que reverdecem nos campos dos mortos? Donde vem esta umidade que lhe nutre as raízes? Donde vêm todos os elementos que farão aparecer, sob as carícias de maio, as silenciosas florinhas e os pássaros canoros? — Da morte!... Senhores... destes cadáveres sepultados na noite sinistra dos túmulos!... Lei suprema da Natureza, o corpo material não passa de transitório agregado de partículas que absolutamente não lhe pertencem e que a alma grupou, segundo o seu próprio tipo, a fim de criar para si órgãos que a ponham em relação com o nosso mundo físico. E, enquanto o nosso corpo assim se renova, peça por peça, mediante a perpétua troca das matérias; enquanto que um dia ele cai, massa inerte, para não mais se reerguer, o nosso espírito, ser pessoal, conservou constantemente a sua indestrutível **identidade**, reinou soberanamente sobre a matéria de que se revestira, estabelecendo, por meio desse fato perene e universal, a sua personalidade independente, sua essência espiritual não sujeita ao império do espaço e do tempo, sua grandeza individual, sua **imortalidade**.

Em que consiste o mistério da vida? Por que laços a alma se prende ao organismo? Por efeito de que desatamento se lhe escapa? Sob que forma e em que condições existe ela

após a morte? Que lembrança, que afeições conserva? Como se manifesta? — Eis aí, meus Senhores, problemas que longe se acham de estar resolvidos e que, em seu conjunto, constituirão a ciência psicológica do futuro. Certos homens podem negar a existência mesma da alma, como a de Deus; podem afirmar que não existe a verdade moral, que não há na Natureza leis inteligentes e que nós, espiritualistas, somos vítimas de imensa ilusão. Podem outros, contrariamente, declarar que conhecem, por especial privilégio, a essência da alma humana, a forma do Ser supremo, o estado da vida futura e tratar-nos de ateus, porque a nossa razão se nega a adotar a fê que eles alardeiam.

Uns e outros, Senhores, não impedirão que estejamos aqui em presença dos maiores problemas, que nos interessemos por estas coisas (que de modo nenhum nos são estranhas) e que tenhamos o direito de aplicar o método experimental da ciência contemporânea à pesquisa da verdade.

Pelo estudo positivo dos efeitos é que se remonta à apreciação das causas. Na ordem dos estudos que se grupam sob a denominação de “Espiritismo”, **os fatos existem**; mas, ninguém lhes conhece o modo de produção. Eles existem tanto quanto os fenômenos elétricos, luminosos, calóricos; porém, Senhores, nós não conhecemos nem a Biologia, nem a Fisiologia. Que é o corpo humano? que é o cérebro? qual a ação absoluta da alma? Ignoramo-lo. Igualmente ignoramos a essência da eletricidade, a essência da luz. Prudente é, pois, que observemos sem parcialidade todos esses fatos e tentemos determinar-lhes as causas, que talvez sejam de espécies diversas e mais numerosas do que o tenhamos suposto até agora.

Que os que têm a vista restringida pelo orgulho ou pelo preconceito não compreendam absolutamente os anseios de nossas mentes ávidas de conhecer e lancem sobre este gênero de estudos seus sarcasmos ou anátemas, pouco importa. Colocamos mais alto as nossas contemplações!... Foste o primeiro, oh! mestre e amigo! foste o primeiro a dar, desde o princípio da minha carreira astronômica, testemunho de viva simpatia às minhas deduções relativas à existência das humanidades celestes, pois, tomando do livro sobre a **Pluralidade dos mundos habitados**, o puseste imediatamente na base do edifício doutrinário com que sonhavas. Muito amiúde conversávamos sobre essa vida celeste tão misteriosa; agora, oh! alma, sabes, por visão direta, em que consiste a vida espiritual a que voltaremos e que esquecemos durante a existência na Terra.

Voltaste a esse mundo donde viemos e colhes o fruto de teus estudos terrestres. Aos nossos pés dorme o teu envoltório, extinguiu-se o teu cérebro, fecharam-se-te os olhos para não mais se abrirem, não mais ouvida será a tua palavra... Sabemos que todos havemos de mergulhar nesse mesmo último sono, de volver a essa mesma inércia, a esse mesmo pó. Mas, não é nesse envoltório que pomos a nossa glória e a nossa esperança. Tomba o corpo, a alma permanece e retorna ao Espaço. Encontrar-nos-emos num mundo melhor e no céu imenso onde usaremos das nossas mais preciosas faculdades, onde continuaremos os estudos para cujo desenvolvimento a Terra é teatro por demais acanhado.



É-nos mais grato saber esta verdade, do que acreditar que jazes todo inteiro nesse cadáver e que tua alma se haja aniquilado com a cessação do funcionamento de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como este refulgente Sol é a luz da Natureza.

Até à vista, meu caro Allan Kardec, até à vista!



PRIMEIRA PARTE

**PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA RACIOCINADA**  
**MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS**  
**DOS HOMENS DUPLOS E DAS APARIÇÕES DE PESSOAS VIVAS**  
**CONTROVÉRSIAS SOBRE A IDÉIA DA EXISTÊNCIA DE SERES**  
**INTERMEDIÁRIOS ENTRE O HOMEM E DEUS**  
**CAUSA E NATUREZA DA CLARIVIDÊNCIA SONAMBÚLICA**  
**A SEGUNDA VISTA**  
**INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FOTOGRAFIA E DA TELEGRAFIA DO**  
**PENSAMENTO**  
**FOTOGRAFIA E TELEGRAFIA DO PENSAMENTO**  
**ESTUDO SOBRE A NATUREZA DO CRISTO**  
**INFLUÊNCIA PERNICIOSA DAS IDÉIAS MATERIALISTAS**  
**TEORIA DA BELEZA**  
**A MÚSICA CELESTE**  
**MÚSICA ESPÍRITA**  
**O CAMINHO DA VIDA**  
**AS CINCO ALTERNATIVAS DA HUMANIDADE**  
**A MORTE ESPIRITUAL**  
**A VIDA FUTURA**  
**QUESTÕES E PROBLEMAS**  
**O EGOÍSMO E O ORGULHO**  
**LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE**  
**AS ARISTOCRACIAS**  
**OS DESERTORES**  
**LIGEIRA RESPOSTA AOS DETRATORES DO ESPIRITISMO**

# *Profissão de fé espírita raciocinada*

## § I — DEUS

### **1. Há um Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.**

A prova da existência de Deus temo-la neste axioma: **Não há efeito sem causa.** Vemos constantemente uma imensidade de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, pois que a Humanidade é impotente para produzi-los, ou, sequer, para os explicar. A causa está acima da Humanidade. É a essa causa que se chama **Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-Hi, Grande Espírito**, etc.

Tais efeitos absolutamente não se produzem ao acaso, fortuitamente e em desordem. Desde a organização do mais pequenino inseto e da mais insignificante semente, até a lei que rege os mundos que circulam no Espaço, tudo atesta uma idéia diretora, uma combinação, uma providência, uma

solicitude que ultrapassam todas as combinações humanas. A causa é, pois, soberanamente inteligente.

## **2. Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.**

Deus é **eterno**. Se tivesse tido começo, alguma coisa houvera existido antes dele, ou ele teria saído do nada, ou, então, um ser anterior o teria criado. É assim que, degrau a degrau, remontamos ao infinito na eternidade.

É **imutável**. Se estivesse sujeito à mudança, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o Universo.

É **imaterial**. Sua natureza difere de tudo o a que chamamos matéria, pois, do contrário, ele estaria sujeito às flutuações e transformações da matéria e, então, já não seria imutável.

É **único**. Se houvesse muitos Deuses, haveria muitas vontades e, nesse caso, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É **onipotente**, porque é **único**. Se ele não dispusesse de poder soberano, alguma coisa ou alguém haveria mais poderoso do que ele; não teria feito todas as coisas e as que ele não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

É **soberanamente justo e bom**. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas mais mínimas coisas como nas maiores e essa sabedoria não permite se duvide nem da sua justiça, nem da sua bondade.

## **3. Deus é infinito em todas as suas perfeições.**

Se supuséssemos imperfeito um só dos atributos de Deus, se lhe tirássemos a menor parcela de **eternidade**,



de **imutabilidade**, de **imaterialidade**, de **unidade**, de **onipotência**, de **justiça** e de **bondade**, poderíamos imaginar um ser que possuísse o que lhe faltasse, e esse ser, mais perfeito do que ele, é que seria Deus.

## § II — A ALMA

### **4. Há no homem um princípio inteligente a que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria, e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar.**

Se o pensamento fosse propriedade da matéria teríamos a matéria bruta a pensar. Ora, como ninguém nunca viu a matéria inerte dotada de faculdades intelectuais; como, quando o corpo morre, não mais pensa, forçoso é se conclua que a alma independe da matéria e que os órgãos não passam de instrumentos com que o homem manifesta seu pensamento.

### **5. As doutrinas materialistas são incompatíveis com a moral e subversivas da ordem social.**

Se, conforme pretendem os materialistas, o pensamento fosse segregado pelo cérebro, como a biliar é pelo fígado, seguir-se-ia que, morto o corpo, a inteligência do homem e todas as suas qualidades morais recairiam no nada; que os nossos parentes, os amigos e todos quantos houvessem tido a nossa afeição estariam irremissivelmente perdidos; que o homem de gênio careceria de mérito, pois que somente ao acaso da sua organização seria devedor das faculdades transcendentais que revela; que entre o imbecil e o sábio apenas haveria a diferença de mais ou menos substância cerebral.

As conseqüências dessa doutrina seriam que, nada podendo esperar para depois desta vida, nenhum interesse teria o homem em fazer o bem; que muito natural seria procurasse ele a maior soma possível de gozos, mesmo à custa dos outros; que o sentimento mais racional seria o egoísmo; que aquele que fosse persistentemente desgraçado na Terra, nada de melhor teria a fazer, do que se matar, porquanto, destinado a mergulhar no nada, isso não lhe seria nem pior, nem melhor, ao passo que de tal forma abreviaria seus sofrimentos.

A doutrina materialista é, pois, a sanção do egoísmo, origem de todos os vícios; a negação da caridade — origem de todas as virtudes e base da ordem social — e seria ainda, a justificação do suicídio.

## 6. O Espiritismo prova a existência da alma.

Provam a existência da alma os atos inteligentes do homem, por isso que eles hão de ter uma causa inteligente e não uma causa inerte. Que ela independe da matéria está demonstrado de modo patente pelos fenômenos espíritas que a mostram agindo por si mesma e o está, sobretudo, pelo seu insulamento **durante a vida**, o que lhe permite manifestar-se, pensar e agir sem o corpo.

Pode-se dizer que, se a química separou os elementos da água; se, dessa maneira, pôs a descoberto as propriedades desses elementos e se pode, à sua vontade, fazer e desfazer um corpo composto, o Espiritismo, igualmente, pode isolar os dois elementos constitutivos do homem: **o Espírito e a matéria, a alma e o corpo**, separá-los e reuni-los à vontade, o que não deixa dúvida sobre a independência de uma e outro.

### **7. A alma do homem sobrevive ao corpo e conserva a sua individualidade após a morte deste.**

Se a alma não sobrevivesse ao corpo, o homem só teria por perspectiva o nada, do mesmo modo que se a faculdade de pensar fosse produto da matéria. Se não conservasse a sua individualidade, isto é, se se dissolvesse no reservatório comum chamado o **grande todo**, como as gotas d'água no Oceano, seria igualmente, para o homem, o nada do pensamento e as conseqüências seriam absolutamente as mesmas que se não houvesse alma.

A sobrevivência desta à morte do corpo está provada de maneira irrecusável e até certo ponto palpável, pelas comunicações espíritas. Sua individualidade é demonstrada pelo caráter e pelas qualidades peculiares a cada um. Essas qualidades, que distinguem umas das outras as almas, lhes constituem a personalidade. Se as almas se confundissem num todo comum, uniformes seriam as suas qualidades.

Além dessas provas inteligentes, há também a prova material das manifestações visuais, ou aparições, tão freqüentes e autênticas, que não é lícito pô-las em dúvida.

### **8. A alma do homem é ditosa ou desgraçada depois da morte, conforme haja feito o bem ou o mal durante a vida.**

Em se admitindo um Deus soberanamente justo, não se pode admitir que as almas tenham todas a mesma sorte. Se a posição futura do criminoso houvesse de ser a mesma que a do homem virtuoso, excluída estaria toda a utilidade da prática do bem. Ora, supor que Deus não faz diferença entre o que

pratica o bem e o que pratica o mal fora negar-lhe a justiça. Nem sempre recebendo punição o mal e recompensa o bem, durante a vida terrenal, deve-se concluir daí que a justiça será feita depois, sem o que Deus não seria justo.

As penas e os gozos futuros estão, ao demais, provados pelas comunicações que os homens podem estabelecer com as almas dos que aqui viveram e que vêm descrever o estado em que se encontram, ditoso ou infeliz, a natureza de suas alegrias ou de seus sofrimentos e enumerar-lhes as causas.

**9. Deus, alma, sobrevivência e individualidade da alma após a morte do corpo, penas e recompensas futuras constituem os princípios fundamentais de todas as religiões.**

O Espiritismo junta às provas morais desses princípios as provas materiais dos fatos e da experimentação e corta cerce os sofismas do materialismo. Em presença dos fatos, cessa toda razão de ser da incredulidade. É assim que o Espiritismo restitui a fé aos que a tenham perdido e dissipa as dúvidas dos incrédulos.

**§ III — CRIAÇÃO**

**10. Deus é o Criador de todas as coisas.**

Esta proposição é corolário da prova da existência de Deus (nº 1).

**11. O princípio das coisas reside nos arcanos de Deus.**

Tudo diz que Deus é o autor de todas as coisas, mas como e quando as criou ele? A matéria existe, como ele, de

toda a eternidade? Ignoramo-lo. Acerca de tudo o que ele não julgou conveniente revelar-nos, apenas se podem erguer sistemas mais ou menos prováveis. Dos efeitos que observamos, podemos remontar a algumas causas. Há, porém, um limite que não nos é possível transpor. Querer ir além é, simultaneamente, perder tempo e cair em erro.

### **12. O homem tem por guia, na pesquisa do desconhecido, os atributos de Deus.**

Para a investigação dos mistérios que nos é permitido sondar por meio do raciocínio, há um critério certo, um guia infalível: os atributos de Deus.

Desde que se admite que Deus é **eterno, imutável, bom**; que é infinito nas suas perfeições, toda doutrina ou teoria, científica ou religiosa, que tenda a lhe tirar qualquer parcela de um só dos seus atributos, será necessariamente falsa, pois que tende à negação da divindade mesma.

### **13. Os mundos materiais tiveram começo e terão fim.**

Quer a matéria exista de toda a eternidade, como Deus, quer tenha sido criada numa época qualquer, é evidente, segundo o que se passa cotidianamente às nossas vistas, que são temporárias as transformações da matéria e que dessas transformações resultam diferentes corpos, que incessantemente nascem e se destroem.

Como produtos que são da aglomeração e da transformação da matéria, os diversos mundos hão de ter tido, como todos os corpos materiais, começo e terão fim, na conformidade de leis que desconhecemos. Pode a Ciência, até certo

ponto, formular as leis que lhes presidiram à formação e remontar ao estado primitivo deles. Toda teoria filosófica em contradição com os fatos que a Ciência comprova é necessariamente falsa, a menos que prove estar em erro a Ciência.

**14.** Criando os mundos materiais, também criou Deus seres inteligentes a que damos o nome de Espíritos.

**15.** Desconhecemos a origem e o modo de criação dos Espíritos; apenas sabemos que eles são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, porém perfectíveis e com igual aptidão para tudo adquirirem e tudo conhecerem, com o tempo. A princípio, eles se encontram numa espécie de infância, carentes de vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência.

**16.** À medida que o Espírito se distancia do ponto de partida, desenvolvem-se-lhe as idéias, como na criança, e, com as idéias, o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir este ou aquele caminho para seu adiantamento, o que é um dos atributos essenciais do Espírito.

**17.** O objetivo final de todos os Espíritos consiste em alcançar a perfeição de que é suscetível a criatura. O resultado dessa perfeição está no gozo da suprema felicidade que lhe é conseqüente e a que chegam mais ou menos rapidamente, conforme o uso que fazem do livre-arbítrio.

**18.** Os Espíritos são os agentes da potência divina; constituem a força inteligente da Natureza e concorrem para a execução dos desígnios do Criador, tendo em vista a manu-

tenção da harmonia geral do Universo e das leis imutáveis que regem a criação.

**19.** Para colaborarem, como agentes da potência divina na obra dos mundos materiais, os Espíritos revestem transitoriamente um corpo material.

Os Espíritos encarnados constituem a Humanidade. A alma do homem é um Espírito encarnado.

**20.** A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna; a vida corporal é transitória e passageira: não é mais do que um instante na eternidade.

**21.** A encarnação dos Espíritos está nas leis da Natureza; é necessária ao adiantamento deles e à execução das obras de Deus. Pelo trabalho, que a existência corpórea lhes impõe, eles aperfeiçoam a inteligência e adquirem, cumprindo a lei de Deus, os méritos que os conduzirão à felicidade eterna.

Daí resulta que, concorrendo para a obra geral da criação, os Espíritos trabalham pelo seu próprio progresso.

**22.** O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu próprio labor; ele avança na razão da sua maior ou menor atividade ou da sua boa vontade em adquirir as qualidades que lhe falecem.

**23.** Não podendo o Espírito, numa só existência, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que hão de conduzi-lo à meta, ele chega a essa aquisição por meio

de uma série de existências, em cada uma das quais dá alguns passos para a frente na senda do progresso e se escoima de algumas imperfeições.

**24.** Para cada nova existência, o Espírito traz o que ganhou em inteligência e em moralidade nas suas existências pretéritas, assim como os germens das imperfeições de que ainda se não expungiu.

**25.** Quando um Espírito empregou mal uma existência, isto é, quando nenhum progresso realizou na senda do bem, essa existência lhe resulta sem proveito, ele tem que a recommençar em condições mais ou menos penosas, por efeito da sua negligência ou má vontade.

**26.** Devendo o Espírito, em cada existência corpórea, adquirir alguma coisa no sentido do bem e despojar-se de alguma coisa no sentido do mal, segue-se que, após certo número de encarnações, ele se acha depurado e alcança o estado de puro Espírito.

**27.** É indeterminado o número das existências corpóreas; depende da vontade do Espírito reduzir esse número, trabalhando ativamente pelo seu progresso moral.

**28.** No intervalo das existências corpóreas, o Espírito é errante e vive a vida espiritual. A erraticidade carece de duração determinada.

**29.** Quando, num mundo, os Espíritos têm realizado a soma de progresso que o estado desse mundo lhe faculta efetuar,



deixam-no e passam a encarnar noutro mais adiantado, onde entesouram novos conhecimentos e assim por diante, até que, de nenhuma utilidade mais lhe sendo a encarnação em corpos materiais, entram a viver exclusivamente a vida espiritual, em que também progridem noutro sentido e por outros meios. Galgando o ponto culminante do progresso, gozam da felicidade suprema. Admitidos nos Conselhos do Onipotente, identificam-se com o pensamento deste e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os outros Espíritos ainda em diferentes graus de adiantamento.

Apoiamos os direitos autorais.  
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



[umanovatterra.pt](http://umanovatterra.pt)